

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE BACHAREL EM EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

JAQUELINE PEREIRA TURATTI

O TREINADOR NO CONTEXTO DE MERCADORIZAÇÃO DO
ESPORTE: O discurso da mão-de-obra

CRICIÚMA

2014

JAQUELINE PEREIRA TURATTI

**O TREINADOR NO CONTEXTO DE MERCADORIZAÇÃO DO
ESPORTE: O discurso da mão-de-obra**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel no Curso de Educação Física, da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Formação Profissional.

Criciúma, 04 de julho de 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Carlos Augusto Euzébio - Mestre - (UNESC) - Orientador

Prof. Bruno Dandolini Colombo -Especialista - (UNESC)

Prof. Ubirajara Luís Rigotti– Especialista - (SATC)

O TREINADOR NO CONTEXTO DE MERCADORIZAÇÃO DO ESPORTE: O discurso da mão-de-obra

Jaqueline Pereira Turatti

Graduanda de Bacharel em Educação Física
Universidade do Extremo Sul Catarinense (Criciúma - Santa Catarina, Brasil)
E-mail: jack_turatti@hotmail.com

RESUMO

A função do treinador no contexto atual capitalista do esporte é de extrema importância uma vez que este exige qualificação do trabalho para a eficácia do desporto-espetáculo. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo analisar o discurso de treinadores que tenham obtido sucesso esportivo sobre a realidade de seu trabalho, a fim de avaliar o reconhecimento que recebem. O treinador fica submetido a condições inadequadas para o exercício de sua função, e ainda assim, qualifica-o dentro de seus limites, tornando um ato digno de maior reconhecimento. Apesar haverem dados positivos, este reconhecimento não é adotado em sua totalidade em nenhum dos discursos.

Palavras chaves: Treinador; Mercadorização; Esporte; Reconhecimento.

COACH IN THE CONTEXT OF SPORT COMMODIFICATION:

The discourse of hand labor

ABSTRACT

The role of the coach in the current capitalist context of sports is extremely important since this requires skilled labor for the effectiveness of sport-spectacle. Thus, this study aims to analyze the discourse of coaches who have gotten sporting success on the reality of their work in order to evaluate the recognition they receive. The coach is subjected to unsuitable conditions for the exercise of its function, and yet it qualifies within its boundaries, becoming an act worthy of greater recognition. Despite having positive data, this recognition is not adopted in its entirety in any of the speeches.

Key words: Coach; Commodification; Sport; Recognition.

ENTRENADOR EN EL CONTEXTO DE MERCANTILIZACIÓN DEPORTES: El discurso de la mano de obra

RESUMEN

El papel del entrenador en el contexto capitalista actual de los deportes es muy importante ya que esto requiere mano de obra calificada para la efectividad del deporte-espectáculo. Así, este estudio tiene como objetivo analizar el discurso de los entrenadores que han conseguido el éxito deportivo en la realidad de su trabajo con el fin de evaluar el reconocimiento que reciben. El entrenador se somete a condiciones inadecuadas para el ejercicio de su función, y sin embargo, califica dentro de sus fronteras, convirtiéndose en un acto digno de un mayor reconocimiento. Aunque tenían datos positivos, este reconocimiento no está aprobado en su totalidad en cualquiera de los discursos.

Palabras clave: Entrenador; mercantilización; Deporte; Reconocimiento.

INICIANDO O JOGO – À GUIA DE INTRODUÇÃO

Entende-se que o fenômeno esportivo atual evoluiu com o crescimento do sistema capitalista, a fim de atender às exigências impostas pelo mesmo. O esporte espetáculo decorre

desse sistema e deu origem ao que se denominou mercadorização do esporte, uma vez que o esporte se torna um meio de obtenção de mais-valia.

Sendo assim, se buscou no presente estudo analisar o discurso de treinadores que tenham obtido sucesso esportivo sobre a realidade de seu trabalho, a fim de avaliar o reconhecimento que recebem pelo exercício de sua função, entendendo a mesma dentro dos ideais do sistema esportivo impostos pelo capitalismo.

A pesquisa caracterizou-se como de campo, tratando-se de um estudo exploratório. Contou-se com quatro sujeitos protagonistas, que foram escolhidos intencionalmente pela pesquisadora por obterem experiências distintas no campo esportivo e que preencheram o critério de inclusão que foi ter obtido sucesso esportivo em sua carreira. A técnica utilizada para coleta de dados se tratou de observação direta intensiva que, de acordo com Marconi e Lakatos (2002, p. 87) “é realizada por meio de duas técnicas: observação e entrevista”.

A observação foi realizada no campo de atuação dos treinadores, sem uma padronização rígida, que serviu para auxiliar na própria estrutura da entrevista e também, consolidar as falas dos pesquisados. A entrevista obedeceu a uma série de perguntas comuns a todos os treinadores e outras atendiam à especificidades de cada treinador, uma vez que as questões nortearam elementos relacionados ao treinamento desportivo, carreira acadêmica e profissional.

A exposição dos dados teve de ser, momentaneamente, abordada de forma mais panorâmica, mas ainda assim nos permite uma visão ampla para se discutir o objetivo buscado.

REFERENCIAL TEÓRICO – QUEM DITA AS REGRAS?

Giovanni (2005) relata que nos últimos decênios, nas sociedades modernas, tem ocorrido um intenso processo de associação entre o esporte e a atividade econômica. Não se tratando apenas, como ressaltado pelo autor, do aporte de um crescente volume de investimentos na atividade esportiva, vai além da transformação do esporte em espetáculo de massa, tem invadido a vida do homem comum. Sendo assim, não há como pensar o esporte fora desse sistema de práticas e consumos que vigora, pois, apesar de sua natureza cultural, o esporte não escapa à lógica capitalista, uma vez que “seu valor de cultura é secundarizado, senão desprezado por completo quando assume a forma de mercadoria, enquanto espetáculo” (SILVA, 1991, p. 55).

Silva (1991) levanta uma questão que se torna presente neste fenômeno da mercadorização do esporte: a transformação do trabalho envolvido em sua produção. O esporte passa a funcionar como um produtor de valor que pode ser igualado quantitativamente a qualquer outro trabalho. Torna-se produtor de valor em detrimento da produção de valor-de-uso, ou seja, o esporte torna-se um trabalho autônomo, sendo importante por si só, enquanto os próprios trabalhadores tornam-se secundários; os trabalhadores que o produziram - os esportistas - tornam-se meios para que este valor da mercadoria esportiva se concretize e se reproduza, explicitando uma troca de funções do esporte no sentido de que o objetivo é fazer espetáculo. O esportista [atleta], que é o produtor de todas as qualidades, “também é subjugado por este valor, o qual acaba assumindo uma forma social reconhecida no mundo das mercadorias, como se fosse independente dos homens que o produziram” (p. 57).

Silva (1991) explica que a divisão do trabalho no esporte tem sido acidental, sendo representada basicamente pela figura do atleta (trabalho manual) e do treinador (trabalho intelectual). Foi com a mercadorização que surgiram novas profissões, partindo da premissa que quanto mais específico fosse o conhecimento profissional, maior seria a eficácia de seu trabalho. Um exemplo ilustrativo apontado pela autora é a função que o antigo treinador ocupava, que foi subdividida e agora é exercida por vários profissionais.

Quanto maior o nível de rendimento e performance ao qual o esporte deve corresponder, maior é a exigência de conhecimentos científicos que seus esportistas devem dominar (...). O simples conhecimento das bases científicas do aprendizado motor proporcionado, aos professores e ao treinador, os meios de fazer um julgamento sólido sobre os métodos de instrução, duração, frequência, natureza do desempenho, etc. assim como o conhecimento básico de fisiologia habilita-o a fazer acertados julgamentos sobre a quantidade e qualidade do treinamento a ser prescrito em determinado caso. Os conhecimentos da biomecânica armam o técnico para a escolha da técnica de execução apropriada e para descobrir a causa das falhas mais importantes, permitindo melhorar o desempenho atlético (HAY apud SILVA 1991, p. 77).

Vargas Tonsing (apud SANTOS, 2009) explica que face ao aumento da popularidade do fenômeno desportivo e da população que a envolve emerge substancialmente a importância de formar e qualificar treinadores. Rosado e Mesquita (2007) concluíram em seu estudo que a reflexão e a investigação sobre a formação de treinadores devem ser entendidas como componentes fundamentais de qualificação da totalidade do sistema desportivo, explicitando que a crença de que qualquer um pode ser treinador, “desde que o desejo e que seu passado desportivo o permita” (p.12) é falsa.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE – O QUE ESTÁ EM JOGO?

Formação “Superior” (!?)

Quando indagado sobre como aprendeu a ser um treinador, T1 (Treinador 1) responde que primeiramente foi atleta e que o gosto adquirido pela modalidade despertou o desejo de ser treinador e isso o levou a buscar o conhecimento, a fazer os cursos de graduação e especializações. Comenta que busca estar sempre atualizado na área, lendo notícias, estudos científicos, assim como trocando informações com outros técnicos.

T2 (Treinador 2) reflete que seus conhecimentos surgiram das dificuldades que tinha como atleta, dificuldades estas, que o fizeram buscar bases para suprir suas necessidades momentâneas como atleta, e então, segundo o mesmo, depois de muito competir, os conhecimentos buscados e a experiência como atleta lhe deram suporte para ser um treinador. Mas, sua busca por conhecimento não cessou, comentando que procura ir á todos os eventos científicos que envolvem a modalidade que acontecem no país, assim como também aproveita algumas oportunidades de cursos no exterior, para assim obter novas informações e atualizar-se. T2 explica que não possui formação acadêmica, embora tenha ingressado no curso duas vezes, justificando que os compromissos da profissão o obrigavam a ausentar-se do curso em certos momentos e que isso o prejudicava. No entanto, destaca que lamenta não ser um profissional habilitado frente ao mercado de trabalho, acredita que a graduação viria a agregar valor ao seu trabalho, embora não fosse capaz de esgotar suas fontes de conhecimento, porque, segundo sua opinião, os cursos de graduação oferecem pouco suporte sobre o amplo trabalho do treinador e especificidades das modalidades.

“Eu fui entrando dentro(sic) desse universo e aprendendo... Infelizmente, não foi na faculdade!”

Quanto a T3 (Treinador 3), seu contato com a modalidade ocorreu por meio do irmão que treinava, e então, passou a treinar ao lado do mesmo e assim começou a gostar da modalidade. T3 conta que possuía indagações sobre o esporte, e que foi então incentivado por sua professora a buscar as respostas para estas, despertando assim, o interesse a ser técnico, que segundo suas palavras, “*é o lado científico*” do esporte.

T4 (Treinador 4), apesar de ter sido atleta como os demais treinadores que compõem este estudo, conta que aprendeu a ser treinador a partir de uma oportunidade que surgiu de estar auxiliando outro treinador na modalidade em que treinava. Com o passar do tempo na graduação, conta T4, foi direcionando seus interesses e esta oportunidade teria então funcionado como um meio de aprendizagem ou, em suas palavras, “*uma escola*”, em que além de auxiliar, anotava informações sobre os treinos e, destaca: “*dali eu consegui tirar várias coisas positivas*”. No entanto, T4 ressalta que trouxe suas próprias convicções para o modo que o treinador trabalhava, adotando um modo de trabalho pessoal quando assumiu o cargo de treinador principal, baseado no aprendizado que obteve, na experiência como auxiliar, assim como em cursos na área.

As falas declaram que embora a experiência seja importante, ela somente não lhes dá o suporte necessário para lhes fazer um profissional, há a necessidade de ampliar a gama de conhecimentos e entender as entrelinhas do treinamento, assim como estar os atualizando frequentemente para consequente qualificação do trabalho.

Relação com atletas – Negócios de família

T1 comenta que é uma relação de comprometimento cada um com sua função, mas que a necessidade de proximidade por falta de uma equipe multidisciplinar torna a relação fraterna, “*uma relação de amizade*”. Acredita que os atletas o veem como um pai rude, que cobra para o bem deles. No entanto, ressalta que essa visão existe apenas daqueles atletas focados nos objetivos em comum do projeto. Quanto ao acompanhamento dos estudos, T1 procura estar informado da situação e andamento do atleta. “*A gente cobra nas conversas (...), pergunta como é que tá (sic) os estudos.*”

T2 explica que é uma relação muito próxima: “*Tanto é que, os atletas, alguns moram na minha casa*”, outros - mais distantes - mantêm contato diário comunicando e discutindo os acontecimentos e fatores de interferência no treinamento. Comenta que toma as decisões do clube juntamente com os atletas, permitindo-os opinarem sobre as situações. Em relação aos estudos, diz que não faz um acompanhamento, porém orienta-os que estejam sempre se esforçando nestes, para não serem prejudicados quando precisarem se atentar aos treinos em detrimento dos estudos.

Para T3, as relações variam muito quando se trata de uma modalidade individual, assim como acredita que cada atleta o vê de um jeito. Explica que há atletas que se deve dar atenção maior sobre um elemento ou outro, mas que a relação deve ser “*o mais profissional possível*”, mas destaca que em alguns casos a relação passa disso: “*Em alguns casos, tu exerce a função de pai, outros de psicólogo (...)*”, mas que o excesso de amizade pode atrapalhar em algum momento, e por isso, deve-se manter a relação de profissionalismo. Quanto aos estudos, diz acompanhar os mais novos, pois acredita que é na formação que essa consciência tem de ser adquirida, pois depende de estar bem nos estudos para ter o apoio familiar em relação ao esporte, mas destaca: “*Nossa cobrança, ela é instrutiva*”.

T4 vem explicar que entre ele e seu grupo há “*uma relação boa, de amizade, mas ao mesmo tempo de cobrança*”. Corroborando com isso, diz mais a frente que seus atletas o veem muito bravo, pois exige disciplina e respeito para consigo e com os companheiros de equipe, pois, “*se não tem disciplina (...) não consegue chegar a lugar nenhum*”. Por fim, em relação aos estudos, T4 diz que faz acompanhamento, tem uma cobrança sobre isso na sua equipe, chegando, em alguns casos, a lançar “castigos”, tarefas que devem ser cumpridas para ter permissão para treinar.

A “obra-prima”: Significados dos atletas destaques

Sendo o treinador, dentro das matrizes do capitalismo, visto como mão-de-obra, se entende que o atleta, após ser submetido a um treinamento proposto por este profissional, como resultado, seria sua obra-prima. A partir disto, tornou-se relevante conhecer o que as obras-primas representam para os treinadores, assim como o que representam para o seu trabalho/ carreira.

Para T1, seu atleta destaque representa suas metas em relação ao social, que é de oportunizar a indivíduos carentes um futuro profissional no esporte ou em outros setores do mercado, como um profissional qualificado. Comenta que é uma satisfação ver atletas evoluindo na sua carreira, no entanto, ressalta que ver os atletas que evoluíram no esporte lhe proporciona “*um pouco mais de brilho nos olhos*”, pois se trata da obra-prima direta de sua função como treinador esportivo.

Diferentemente, para T2, os atletas destaques se tornam referências para futuros atletas despertarem o interesse de compor a equipe; um modo de visibilidade perante uma parte da sociedade envolvida com a modalidade. Porém, considera negativo o feedback da Confederação Brasileira, uma vez que a mesma subentende que, por se alcançar o sucesso, as condições aos quais desempenham seu trabalho são adequadas, o que pode, segundo T2, não ser.

T3 comenta sobre um caso específico, a maior referência que possui em sua carreira, dizendo que a atleta em questão foi um marco, sendo “*em alguns pontos, muito bom e outros, muito ruim*”. Predomina em sua fala a perda da atleta como um motivo para se corrigir erros do clube, uma vez que diz: “*Hoje, a B. é uma das melhores do mundo, [na modalidade] é a jogadora mais bem paga da América Latina, (...) é a que mais tem assessoria*”, e então, quando indagado sobre sua visão negativa desta situação, T3 responde prontamente: “*se nós fossemos o melhor clube do país, ela não precisava ter saído*”. Apesar de demonstrar essa insatisfação com as condições do clube, ainda tem esperanças em evoluir com o clube.

Por fim, T4 traduz suas obras-primas como alegrias, satisfação pessoal no sentido de que ver o sucesso do atleta é também uma visão do seu sucesso, onde argumenta: “*é uma alegria tremenda a gente ter conseguido!*”.

Mais a frente, destaca um atleta em questão, de forma a expor que seu sucesso foi atingido pelo seu comprometimento com a formação do atleta, e deste com os treinamentos, um trabalho em conjunto que exige disciplina e dedicação.

Estrutura: As condições do jogo

T1 comenta que o projeto comporta alguns poucos núcleos, aos quais, em uma junção se consegue talentos para estarem atingindo resultados diversos em competições.

Conta que, por sua modalidade ser praticada ao ar livre, os dias de chuva prejudicam o andamento de seu treino. Apesar de haver dias que é realizado o trabalho de musculação, há sempre uma combinação com as especificidades da modalidade, o que o provoca a estar “*improvisando*”/ adaptando a sessão de treino. Em relação ao salário dos atletas, conta que se trata de um programa de bolsa disponibilizada no município denominada ‘*bolsa atleta*’¹, que é dada ao atleta de acordo com suas conquistas.

T2 expõe a dificuldade que tem com o local de treinamento, que nesse caso, não existe. O treino acontece ao ar livre, fazendo todo o deslocamento exigido pela modalidade nas estradas, em meio ao trânsito.

“*(...) Pode ser praticado dentro de um velódromo, uma pista coberta... Mas nós não temos nem a descoberta*”.

Sendo assim, os dias de chuva prejudicam muito, segundo o treinador, pois interfere diretamente no treino. Porém, conta que diminui essa interferência realizando o treino na residência do clube, com um equipamento específico que possuem e improvisa um treino com

o uso do mesmo. Mais a frente, T2 comenta sobre um GPS que ajuda-lhe a monitorar e avaliar a situação do atleta no treino, aparecendo aqui, a tecnologia a serviço do esporte para melhorias, mas destaca que este aparelho é adquirido por investimento do próprio atleta. Por fim, quanto aos salários dos atletas, diz:

“É muito simples. Existe (...) uma regra clara: independente do nível técnico do atleta, é um salário mínimo e ponto. (...) custeado pela Fundação Municipal de Esportes.”

T3 explica que sua modalidade pode ser treinada em um espaço coberto/fechado. Conta que a estrutura é excelente, porém, ressalta que, para a quantidade de atletas que atende, *“ela [a estrutura] é própria, mas pequena”*. E conta também, que nem sempre foi assim: *“uma época (...) não tinha essa estrutura aqui”*, citando: piso adequado, equipamentos adequados e em quantidade suficiente, recursos humanos em quantidade ideal, destacando que houve etapas que foram sendo atingidas e que compõem a estrutura atual. Em relação aos salários dos atletas, T3 acredita que o clube *“é muito privilegiado, porque a gente tem uma bolsa (...) por metas.”* A colocação do atleta determina a porcentagem que ganharão.

T4 explica que o projeto no qual trabalha é bancado por um investidor do ramo esportivo com o apoio de dezesseis prefeituras, onde se instalaram núcleos de treinamentos e, T4, comanda a equipe de competição em uma sede específica. Não há salários para os atletas, o permitido pela estrutura é apenas uma ajuda de custo com o transporte para alguns, uma vez que os atletas destaques são trazidos de seus núcleos para a equipe principal.

Reconhecimento: Aplausos para quem?

T1 comenta que os atletas que estão “fora”, mantêm contato com ele e que possuem um agradecimento em relação às conquistas que alcançaram, seja no esporte ou não. Diz que apesar de não possuir apoio de patrocinadores, o poder público tem dado a assistência necessária em competições. Fora desta, acredita que os “patrões” mostram sua satisfação com o trabalho de T1 através da conservação de seu cargo, que dura desde 1999.

“Porque o resultado aparece, (...) através dos resultados, através das condições que a gente tem aqui, a nossa equipe hoje é número um no estado.”

Em relação a mídia, diz que mantém uma boa relação, mas acredita que poderia ter mais apoio da imprensa, pois a mesma parece dar prioridade ao futebol, e deixa outras modalidades que estão no mesmo nível do futebol e não tem seu trabalho divulgado.

T2 diz, quando indagado se foi valorizado quando os seus atletas alcançaram patamares elevados no esporte, que se sentir valorizado é mais fácil do que realmente ser. Desabafa que todo ano saem atletas de seu clube direto pra Seleção Brasileira e não recebe a valorização devida nem da própria Confederação Brasileira, que é beneficiada pelo seu trabalho. Quanto aos atletas, a relação se reduziu a cumprimentos protocolares, justificando: *“depois, cada um faz a sua vida”*. Destaca também, que quando recebeu reconhecimento do seu trabalho, ganhando um cargo melhor na Confederação, teve seus ideais contrariados, e foram seus valores que causaram mal-estar em participar daquele sistema que visa o lucro e/ou política como prioridade. Por fim, o reconhecimento midiático que diz receber é ter seu trabalho e conquistas divulgadas, mas ressalta:

“Apesar de ser eu mesmo que tenho que reportar (...), porque eu acho que os jornalistas (...) não querem ir pra estrada, ir lá bater uma foto, eles querem receber o material (...) com a matéria quase pronta (...) e pegar uma foto que já é antiga e publicar”.

T3 fala que apesar dos atletas que atingiram outros patamares manterem contato, acredita que é pouco. Já aqueles que pararam de jogar, mantêm uma proximidade com a modalidade e amizade com o treinador. Quanto as competições, acredita que os “patrões” atendem as necessidades dentro de seus limites de possibilidades, assim como dito por T1. Em relação as condições de treinamento, conta que possuem uma das melhores do estado,

porém ainda não se encaixa nos níveis ideais; mas diz: *“é através dos títulos, que a gente consegue mais verba, mais espaço na imprensa, mais união do grupo, mais pessoas pra colaborar, e que a gente eleva o nível.”*

Engajado nisso, quando cita o apoio do patrocínio, diz que recebe pouco, pois o espaço que a mídia oferece a modalidade em questão é reduzida, devido toda uma cultura do futebol que domina, e diz que quando o futebol da cidade não está bem, a relação modalidade/imprensa é ótima; mas que ainda considera um espaço bom o que recebe para divulgação. Destaca também, que recentemente foi chamado para o cargo de coordenador de detectores de talentos paraolímpicos do Brasil, o que é visto como reconhecimento da Confederação Brasileira perante o seu trabalho.

A primeira questão abordada por T4 é sobre o reconhecimento que os atletas que evoluíram na carreira têm diante do profissional e projeto, pois além de manterem contato, se colocam a disposição para colaborar de alguma forma e também, trazem para o clube camisas do time que integram atualmente, como um símbolo de vitória dele graças ao clube. Quanto aos atletas que integram a equipe, vê a adesão e aderência dos mesmos como uma forma de reconhecimento de seu trabalho, uma vez que: *“eles tem o sonho de ser atleta. Eles acham que aqui é o melhor lugar para que eles consigam isso”*.

Cita também as propostas de emprego de equipes adversárias como reconhecimento de seu trabalho, recebendo propostas significativas, apesar de ter optado manter seu cargo atual por sua identificação com o projeto. Em relação à imprensa, T4 fala que a relação de amizade ficou de seu trabalho como auxiliar e que se mantém reportando as matérias quando a procura para divulgar seu trabalho com a equipe, e diz que também é procurado para a realização de matérias sobre o projeto.

Satisfações X insatisfações: Lendo o regulamento

T1 diz que o trabalho que faz no esporte o realiza, pois *“só o dinheiro não trás felicidade, (...) tem que tá (sic) fazendo algo pra alguém, ajudando alguém”*. Completando:

“O que motiva é, na verdade, saber que as crianças chegam aqui em um determinado ponto, alguns com muito talento, alguns com pouco talento, mas que no final, aqueles que não venceram na modalidade venceram na vida, fizeram uma faculdade, ou estudaram, se formaram no segundo grau... É isso que me motiva, ver a evolução de cada um naquilo que ele é melhor, alguns nos estudos, outros no esporte”.

Em questões de autoimagem, ele se descreve como alguém que ama o que faz, que já ganhou muito dinheiro fora da área, mas que sua verdadeira realização é a transformação do ser humano para o seu melhor através do esporte, do seu trabalho.

Sua insatisfação é apontada quanto à questão financeira, em que comenta: *“eu não consigo sobreviver com o salário da Fundação Municipal de Esportes. (...) [Aliado a isso,] a gente tem custo com transporte, (...) ajuda atleta, tira dinheiro do bolso pra manter atleta...”*, o que o obrigou a acumular outros cargos que lhe ajudasse na renda, cargo este até fora da sua cidade e inclusive, cargo fora da área da Educação Física. Este problema acarreta outro que é a falta de tempo para dar mais atenção aos atletas, de poder estar todos os dias acompanhando-os, *“ter uma remuneração adequada pra fazer só isso”*, que, diz ser o ideal.

T2 vem contar que sua motivação se dá através da alegria de um atleta que após um grande resultado vem lhe dar um grande abraço; e em contrapartida, aqueles que não atingiram as metas, o motivam no sentido de não desistirem, *“se recompõe e volta a treinar... volta a treinar com ânimo”*.

Mais á frente, T2 se diz satisfeito com seu trabalho, uma vez que recebe a confiança dos pais para com seu trabalho, assim como recebe palavras de reconhecimento, *“quando as pessoas vêm falar comigo, dizem que eu faço [o trabalho] bem feito”*.

T2 comenta que está no esporte porque primeiramente gosta de praticá-lo, porém, as exigências do sistema o obrigaram a trabalhar, não podendo continuar como atleta, então, depois de alcançar uma certa situação financeira confortável, voltou ao esporte para ajudar aqueles que, como ele, gostavam da modalidade e precisavam de oportunidade para evoluir, e isso hoje o realiza, pois além de praticar a modalidade, oportuniza seus atletas a ter uma vida dentro do esporte.

“Inconscientemente, é o que eu queria que tivesse sido feito pra mim, eu tô (sic) fazendo pra eles”.

Conta que outro ponto de grande satisfação foi ser convidado para treinar um atleta que é referência na modalidade, o que também lhe trouxe um aprendizado de que os atletas, independente do treinador que possuem, tem que ter uma vontade muito grande de vencer!

Assumindo a escrita deste trabalho, particularmente percebi uma paixão muito grande do treinador por aquilo que faz, sendo que mesmo renunciando muitas coisas por essa paixão ao seu esporte, se diz feliz, e que não tem certeza de que renunciar ao esporte pelas outras paixões o fariam sentir-se mais contente. *“Eu não sei... só se eu viver de novo pra saber”.* E conta: *“eu tenho uma filha (...). Hoje, é o que me move, assim, fora do esporte”*, mas ainda comenta que não existem datas, que a necessidade do trabalho prevalece até que possa dar-lhe atenção e então, demonstrar o amor que sente por ela.

T3, fala que não só os resultados são importantes para si, mas o meio do caminho até atingi-lo, pois proporciona várias coisas que acredita serem boas, oportunizando a inclusão, ao qual diz que faz diferença.

“O caminho todo que é bacana, é de fazer ele [o atleta] mudar a vida dele.”

Assim considera satisfatório treinar atletas com deficiências físicas, e também o fato de receber atletas que pararam de jogar, mas que retorna ao local de treino para não se desligarem totalmente do esporte e manter amizade com o treinador.

Em relação aos resultados, diz que as vitórias são relevantes porque a ideia do treinamento foi alcançada.

“Ganhar é sinônimo de meta atingida, do objetivo alcançado, e isso é muito motivacional, isso nos ajuda também a tá (sic) conseguindo melhorar a estrutura”.

Comenta que o mérito das vitórias é do grupo, que não se ganha nada sozinho.

“O jogador precisa de apoio, o técnico precisa do jogador, precisa do apoio dos dirigentes, o dirigente precisa do técnico para executar, precisa do jogador...”

Sua insatisfação é manifestada quando fala que muitas coisas o motivam, mas que a busca por melhores condições se atrela a isso, melhorar a estrutura para o treinamento, para estar atendendo mais atletas de modo mais eficiente, e conta que esse momento será de plena satisfação perante seu trabalho.

Outro ponto destacado é a insatisfação com o salário, que diz: *“o meu salário não é ruim, mas [os vários profissionais do esporte] (...) deveriam ser mais amparados pelos órgãos”*, e ressalta que faz um *“malabarismo”* para conseguir trabalhar só com a modalidade, apesar de assumir cargos em diferentes locais, mas que muitos não conseguem, e destaca:

“Hoje a política do esporte melhorou muito pra quem ganha bolsa, (...) mas os técnicos, que são quem fazem o trabalho no dia a dia não são ainda reconhecidos pelo governo federal, nem pelo governo municipal, tá (sic) muito longe disso”.

T4 comenta que gosta do que faz e não trocaria sua profissão, pois sua motivação vem de estar conseguindo revelar atletas, de oportuniza-los a crescer dentro do esporte; pois é vendo a alegria que os atletas têm de receber essa chance que o satisfaz. Considerando então seu trabalho satisfatório e a si mesmo como importante para o esporte, uma vez que recebe reconhecimento dos pais dos atletas, dos patrocinadores e uma *“supervalorização”* por parte dos atletas que não integram mais a equipe, mas mantém um elo de amizade.

É relevante ressaltar que muito embora T4 se considere importante, não se coloca como o principal merecedor dos méritos das vitórias, onde diz: *“Eles que jogaram, eles que fizeram, eles que defenderam”*, se colocando como um instrutor que depende diretamente do comprometimento dos atletas.

Quando indagado sobre satisfação financeira, o mesmo responde:

“Em relação á classe, da Educação Física, o meu salário é muito bom”.

Sua fala então sugere que apesar de considerar seu salário bom, o amparo que a classe recebe não é satisfatório quando comparado a outras áreas do mercado. Juntamente com isso, analisa-se também que o fato de T4 manter outro cargo além de treinador implica em um salário mais alto, o que poderia então satisfazer suas necessidades, e como complemento de sua satisfação diz: *“Não só o dinheiro satisfaz, acho que tem outras coisas”*. Cita então, a proximidade com a família, o trabalho desenvolvido e o reconhecimento que tem, já que hoje consegue desfrutar melhor da vida pessoal, uma vez que soube aproveitar o excesso de trabalho para hoje ter condições mais confortáveis de vida.

Dificuldade, reclamações e/ou sugestões: Escrevendo o regulamento

O primeiro ponto a ser destacado do discurso de T1, não se trata somente da insatisfação financeira que o obriga a manter outros cargos além de treinador, mas o seu próprio cargo de treinador o obriga a acumular diversas funções: *“não existe técnico que faça o que eu faço a nível de seleção mundial”*. E então explica que cada indivíduo possui uma função específica na divisão do trabalho, mas que necessita assumi-los atentando-se para todos os elementos que envolvem o treino. Justifica que isso acontece por falta de recursos humanos especializados além da falta de recursos financeiros.

Outro ponto levantado é que, o acúmulo dessas funções limita a qualificação que poderia dar aos cargos individualmente, que explicita na fala:

“Por isso que, de repente, me falta tempo pra executar tudo àquilo que eu queria, mas dentro da medida do possível, eu tento fazer com excelência aquilo que no momento eu estou”.

T1 aborda a problemática que diz respeito a estrutura que tem para o treinamento, onde não possui uma equipe multidisciplinar que acaba também por limitar o seu trabalho. Fala também, que se sente insatisfeito com (a falta de) apoio que recebe da comunidade política, e diz: *“a comunidade política não sabe o que tá acontecendo, (...) tá (sic) simplesmente preocupada com o voto, aquilo que vai dar voto”*, não percebendo que estar ajudando o esporte pode lhes dar voto e estarão verdadeiramente contribuindo com a sociedade.

No mesmo sentido, vem destacar os pais e também (a falta de) apoio que oferecem, não só ao esporte, mas ao sonho do filho, uma vez que não acompanham os treinamentos, não investem no filho perante o esporte por não haver um retorno imediato, que os pais participam pouco da vida esportiva do filho.

T2 destaca a dificuldade de patrocínio á modalidade, por consequência da mídia que pouco expõe outras modalidades senão o futebol. Aliado á isso, há a questão de se tratar de uma equipe de categoria de base, e explica: *“é bem difícil que um investidor venha botar dinheiro em um clube pensando na formação dos atletas,(...) [ficando então por conta] da área pública, que pensa em um contexto social”*, porém, que ainda deixa a desejar em questões de recursos financeiros, de estrutura e humanos.

Quanto aos recursos humanos, retoma a mesma fala de T1, em relação ao acúmulo de funções que recai sobre o treinador: *“o técnico acumula todas as demandas: de nutrição, fisioterapia, fisiologia, mecânica, psicologia e tem que dar conta de toda essa parte”*. O problema está na sobrecarga do técnico, que desenvolve seu trabalho de forma precária, por

consequência disto T2 explica que não há como alguém se especializar em todas essas áreas, “até por falta de tempo”, diz, e sendo assim, essa qualificação não poderá ser comparada ao nível de uma estrutura multiprofissional.

Por fim, ainda demonstra insatisfação com (a falta de) apoio da Confederação Brasileira, que acredita que poderia fazer mais pelo esporte, poderia colaborar mais para que o treinador e dirigentes pudessem fazer mais pelo esporte, e não apenas pensá-lo politicamente, ao qual acredita ser sua verdadeira intenção e argumenta: “*Dalí não sai nada sério, (...) há algumas pessoas que passaram por cima de tudo (...) e me deixaram assim, meio incomodado*”.

Quanto a T3, a primeira questão a se tratar é a estrutura de treinamento que deixa a desejar, dizendo o treinador: “o problema é que não é uma estrutura própria e nem grande”, mas cabe ressaltar, o sentido de própria que utiliza se trata de não ser de propriedade do clube, e sim, um espaço disponibilizado no Centro de Eventos da Fundação de Esportes do município. Articulado a isso, T3 comenta sobre a estrutura de alojamentos, a qual considera ruins, inadequadas para os atletas, mas que destaca que isto é uma problemática de todo um contexto cultural, mas ressalta: viajar com a Seleção Brasileira “*é um outro patamar*”. Então, comenta que considera a estrutura organizacional boa, mas a estrutura de alojamento deixa a desejar. Assim como há situações em que a alimentação não pode ser feita adequadamente por falta de sua disponibilização.

Em relação ao apoio político esportivo, diz que em 15 anos de seu cargo, houve épocas de mais apoio, acompanhamento dos dirigentes, e em outros não; e diz: “*eu não acho que mudaria muito (...), eles tem que oferecer as coisas, mas cabe a nós também tá (sic) em busca das coisas*”, pois acredita que precise mais da dedicação dos atletas para evoluir no esporte, e ainda complementa: “*os pais fariam mais diferença nos treinos*”. T3 trata desse assunto, assim como T1, pois muitos pais não entram em contato, muitos pais nem sequer sabem o que o filho faz, pensam que o treino de que falam é apenas “*bater bola*” e jogar conversa fora, e esse não conhecimento dos pais, segundo T3, acaba por desmotivar atletas, e segundo uma pesquisa que o treinador realizou, alguns pais estão muito acomodados, e “*não colaboram assim, no que deveria colaborar, que é no acompanhamento do filho*”, pois o esporte pode beneficiar na vida do atleta, nesse caso, até possibilitar uma formação acadêmica através da bolsa atleta, e o apoio dos pais seria fundamental para o atleta evoluir.

Em relação a T4, o único ponto abordado pelo treinador diz respeito à estrutura, que por ser considerada pequena, perde seus melhores atletas para locais com melhores condições, o que desencadeia, por vezes, a possibilidade de manter apenas as menores categorias e trazer títulos de competições menores, fora do nível profissional atualmente. No entanto, cabe ressaltar que o fato da saída dos atletas não é visto como algo ruim, pelo contrário, o problema se trata da falta de condições em estrutura para manter o nível evoluindo de forma ideal.

FINAL DE CAMPEONATO? À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação a formação superior, todos os entrevistados contam que aprenderam a ser treinador a partir de experiências práticas aliada à busca do conhecimento científico. Este conhecimento foi/é buscado não somente em cursos de graduação, mas em especializações e eventos científicos. É importante registrar a contínua busca por atualização na área apresentada pelos entrevistados.

Em uma análise mais profunda da importância da experiência prática, entende-se que somente esta não proporciona as bases necessárias, assim como os cursos de graduação não esgotam o conhecimento necessário. Contudo, é a partir da experiência prática que surgem as dúvidas a serem respondidas com a ciência, trata-se, portanto não apenas da observação e

vivência no esporte, mas de uma oportunidade de aprendizado que deve ser refletida, pensada e repensada, ou seja, seja avaliada de forma inteligente e não apenas replicada. Nos casos expostos, suas falas remetem a iniciativa por parte de todos os treinadores, e que, são entendidas no campo mercadológico, como força de trabalho qualificada e que tem seu valor então, mais elevado.

Os valores atribuídos/oferecidos são resultantes de uma relação capitalista do serviço oferecido, tanto em relação ao treinador, quanto ao atleta em relação à porcentagem (de bolsa-atleta) recebida de acordo com sua classificação. Fiel ao mantra do capital; quanto mais qualificado, mais vale; quanto mais vale, mais lucro retorna.

Neste sentido – sem retirar o mérito do trabalho do atleta (empenhado na realização dos objetivos) -, é importante destacar que há uma espécie de inversão de valores em relação à qualificação do trabalho. O técnico que aprendeu a utilizar as ferramentas, classificando a mais apropriada para ser usada e planejando todo o processo de aprendizagem, para que se atinja o máximo de desempenho, recebe menos dinheiro e/ou valorização do que o atleta, “simples” executante do movimento.

Esquece-se do processo que acontece até se atingir o objetivo final: a “mercadoria esportiva”. Embora esse seja o objetivo do sistema capitalista, a “obra-prima” é dependente do treinador que não tem suas ferramentas prontas e livres de empecilhos (estrutura, salário digno, legalidade); bem como, o tempo – e conhecimento - de aprendizagem das técnicas a utilizar ultrapassa aquelas oferecidas em cursos de formação superior. É nesta altura mais ou menos evidente que a execução de seu trabalho (do treinador) não é completamente independente, autônoma. Aliado ao mesmo necessita-se da dedicação e comprometimento do atleta, porém, mais do que isso, de condições que lhe permitam executar seu trabalho com eficácia.

Causa estranhamento entender o esporte dentro de matrizes capitalistas, pois é uma visão pouco percebida pela sociedade. O capitalismo coloca como necessidade a divisão do trabalho, algo aparentemente muito fácil e que sugere uma relação idealizada com a realidade cotidiana. No entanto, percebe-se que a realidade se impõe e a divisão ideal do trabalho não se objetiva para a maioria.

Os casos aqui estudados nos mostram exemplos de grandes profissionais de suas áreas, que mesmo em condições distantes das ideais, buscaram excelência não só na sua função, mas em todas as demandas necessárias, e como prova do seu êxito, atingiram o “sucesso no esporte”. Com ressalvas, é importante abordar que os esforços, por maiores que sejam, são restringidos em algum momento de suas carreiras por problemas estruturais em relação à recursos físicos, humanos, chegando até aos problemas de ordem cultural.

Porém, como exposto anteriormente, os treinadores – não obstante o empenho e dedicação – não conseguem apresentar a qualidade exigida para um trabalho de excelência em áreas tão diversas e complexas como as que se colocam em tela no mundo do esporte. Em suma, é impossível deter de forma isolada conhecimentos profundos da psicologia, nutrição, fisiologia, fisioterapia, preparação física, aplicados ao treinamento esportivo. Todavia, a prática desenvolvida pelos treinadores considerados na pesquisa constitui verdadeiros “feitos”, dignos de admiração, uma vez que se entende que acrescentaram ao seu trabalho maior valor, quando assumem as demandas de outros profissionais.

Os resultados destes atos tornam-se benéficos à realização do esporte espetáculo e também em prol da sociedade: do pai que economiza nos estudos; do atleta que é preparado e qualificado para um futuro profissional, seja no esporte ou outra área do mercado; da visibilidade da modalidade e também do marketing da cidade em diversos âmbitos.

O treinador assume todas as demandas porque entende que isto é necessário para o mantimento do clube, por exigência do sistema que torna o esporte um instrumento de lucratividade. Porém, no caso destes treinadores, isto só não basta, suas intenções vão além da

busca pela vitória. Suas intenções chegam aos valores pessoais de solidariedade quando expõe falas sobre um trabalho social, ultrapassando os fundamentos técnicos, táticos e/ou físicos da modalidade e refletindo na internalização de valores morais, de caráter, personalidade.

Neste sentido, os treinadores transformaram o sistema capitalista esportivo de sua função em algo além do lucro, algo que, como humanos, lhes representassem satisfações internas/emotivas, que dessem um significado maior ao seu trabalho. Do mesmo modo, nos parece que esse significado maior também é percebido por outros envolvidos no processo, que agregam um valor elevado ao trabalho do treinador, tendo em vista a forma como trata seus atletas e, como atua na vida dos mesmos.

Não só o dinheiro está em jogo para os treinadores, mas todo o processo que faz o atleta um vitorioso. Indo além, que o faz mais que um profissional atuante de sua área de trabalho, o faz um ser realizado em seus valores e ideais, inserido em algo maior que o esporte espetáculo, inserido na sociedade de uma forma mais ampla.

Suas “obras-primas” não significam apenas o auge do sucesso esportivo. Tampouco parece isso ser realmente significativo para os treinadores, que priorizam o ser humano digno dos méritos, das sensações e emoções vindas de suas vitórias, não do dinheiro que receberam. Não se trata dos bens materiais que usufruirão ao alcançar uma melhor estrutura, e sim, da possibilidade de estarem evoluindo ainda mais, de fazerem um resultado melhor, pois o aumento do salário é uma forma de reconhecer o trabalho, mas sozinho não consegue valorizar a pessoa.

Por fim, é importante também reconhecer que apesar de não adequado ou esperado o reconhecimento profissional acontece de alguma forma, ora por parte de atletas e ex-atletas, por parte dos pais, do poder público e /ou privado, dependendo do caso, mas, que em nenhum dos discursos, esse reconhecimento é adotado em sua totalidade.

¹ Regulamentada pela Lei Nº 3.448, de 10 de set. de 1997, a bolsa atleta se trata da concessão de bolsas de estudo ou ajuda de custo a atletas do município que se destacarem em Competições Estaduais ou Nacionais, tendo direito a mesma a 3 anos consecutivos a contar do ano subsequente ao que competiu, obedecendo as proporcionalidades de: Primeiro lugar, 100% da bolsa; Segundo lugar, 70% da bolsa e terceiro lugar, 50% da bolsa.

REFERÊNCIAS

GIOVANNI, Geraldo Di; **Mercantilização das práticas corporais: o esporte na sociedade de consumo de massa.** Revista Gestão Industrial: Unicamp, v. 01, n. 01: p. 167-176, 2005
Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/pg/index.php/revistagi/article/view/184>
Acesso em: 23/09/2013

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5ª ed rev. e amp. São Paulo: Atlas, 2002.

ROSADO, António; MESQUITA, Isabel. **A formação para ser treinador.** Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, 2007.

Disponível em: <http://home.fmh.utl.pt/~arosado/afpsr.pdf>
Acesso em: 05/10/2013

SANTOS, Ana Sofia F. Marques. **Competências profissionais do treinador de desporto: análise da valorização, auto-percepção e necessidades de formação.** Porto: Junho, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto para Crianças e Jovens) Faculdade de Desporto- Universidade de Porto
Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13916/2/3344.pdf>
Acesso em: 22/09/2013

SILVA, Ana Márcia. **Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano**. UFSC: Florianópolis, 1991 Dissertação (Mestrado em Educação) Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina
Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/thesis/view/35>
Acesso em: 22/09/2013